

no radar

Escolha do Editor

HOMENAGEM  
A SAZÃO DOS  
ESTUDANTES ANTES  
DO IMPÉRIO



# Reunião em Coimbra da Família Lusófona

A homenagem organizada pela UCCLA, liderada por Vitor Ramalho, à Casa dos Estudantes do Império é exemplo perfeito de exercício de uma relação afetiva que consolida e potencia de um modo extraordinário a forte ligação entre países que partilham uma outra “casa”, a da Lusofonia

A ligação lusófona, mais do que de Estados e empresas, é feita de pessoas e por pessoas e, contrariamente ao que é muitas vezes dito, não encontra sustentação numa qualquer memória abstrata mas, sim, numa memória partilhada, efetiva e afetiva, entre os

que conviveram, convivem, criaram laços e os renovam, em permanência. O que se passou em Coimbra, a 28 de Outubro, na inauguração do programa de homenagem à Casa dos Estudantes do Império (CEI), a que CEO Lusófono teve o privilégio de se associar, foi um encontro e, sobretudo, reencontro de

gente que partilha muito mais do que uma língua comum, mesmo que graças ao contexto de partilharem essa mesma língua. É gente que partilha momentos, histórias de vida que se tocam e tocam quem as ouve.

Eu não vivi naquela época de que me falaram no Auditório da Reitoria da





Murade Murargy, Secretário-Executivo da CPLP (à direita na foto, com João Gabriel Silva, Reitor da Universidade de Coimbra e Vitor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA), destacou a importância da preservação do legado da Casa dos Estudantes do Império como “património comum do espaço de língua portuguesa”. Um património com a forte marca do “convívio, partilha e diálogo de ideais para as independências dos países africanos de língua portuguesa”

## CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO | 1944-1965



Universidade de Coimbra, mas foi um prazer ter podido passar o meu tempo, vivendo o tempo que, na altura, saborearam (“sabor” foi palavra dominante na intervenção de Manuel Rui Monteiro), entre tantos outros, Jorge Querido, Maria Eugénia Neto, Pires Laranjeira, Manuel Alegre, Luís Fonseca, Óscar Monteiro, Pepetela, Ruy Mingas e Almeida Santos. Todos eles participaram num debate, alargado a vários painéis, sobre “A importância da CEI na formação cultural dos seus associados”.

Muito se fala das relações políticas e económicas entre Estados lusófonos ou das relações empresariais, mas menos importância tem sido dada pelos Estados e pelas empresas ao que há de mais importante nesta ligação: as relações afetivas, tão evidentes na conferência e, mais tarde, no jantar promovidos pela União das Cidades Capitais

de Língua Portuguesa (UCCLA). E se há vantagens em partilharmos a mesma língua a principal é que esta permite criar e manter laços afetivos muito mais fortes.

Em 2015 ocorrerá a passagem do 50.º aniversário do encerramento da Casa dos Estudantes do Império, que coincide com o 40.º aniversário das independências das ex-colónias portuguesas

A aposta nos laços afetivos é, aliás, a matriz do projeto CEO Lusófono, que coloca em permanência um enfoque nas pessoas e que estimula e potencia a relação entre os decisores lusófonos.

Vitor Ramalho salienta que a homenagem feita pela UCCLA “corresponde, sem dúvida, a um desígnio comum dos povos de língua oficial portuguesa e não é possível conceber-se o futuro sem a preservação da memória que a todos respeita”. E quão fundamental é a preservação, neste caso particular, da memória da CEI, mas também deste encontro, esta reunião da família lusófona marcada por afetos e abraços. ■

## PROGRAMA 2015

### Janeiro-Abril

- A importância da CEI na perspetiva político-cultural - Mesas redondas a realizar por antigos associados.

- Apresentação da reedição do número especial da “Mensagem” (1.ª edição 1994, ACEI)

### Maio

- Exposição documental sobre a CEI, nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa.

### 22,23 e 25 de Maio

- Colóquio Internacional sobre a CEI, no auditório da Fundação Calouste Gulbenkian

### 25 de Maio

- Sessão solene de encerramento, com a presença de associados da CEI que exerceram funções de Primeiro-Ministro ou Presidente da República: Fernando França Van Dúnem (Angola), Joaquim Chissano (Moçambique), Maria Eugénia Neto, em representação de Agostinho Neto (Angola), Mário Machungo (Moçambique), Miguel Trovoada (S. Tomé e Príncipe), Pascoal Mocumbi (Moçambique), Pedro Pires (Cabo Verde) e ainda Jorge Sampaio (Portugal).





*“Seria indesculpável, verdadeiramente indesculpável, se não erguêssemos esta memória, uma memória solidária, afetiva que também irmanou o povo português. Isto é bom que se diga. Realmente é caso para dizer: que grandeza. Porquê haver pequenez de raciocínio quando olhamos para a nossa memória coletiva e vemos esses homens que quando eram jovens desbravaram caminhos para chegarmos onde estamos”*

**Vitor Ramalho**  
Secretário-Geral da UCCLA

## Homenagem da UCCLA

A UCCLA homenageia, ao longo de 7 meses (de outubro 2014 a maio 2015), os ex-associados da Casa dos Estudantes do Império (C.E.I.), assinalando assim os 70 anos da criação da instituição (em 1944), que foi extinta pela PIDE em 1965.

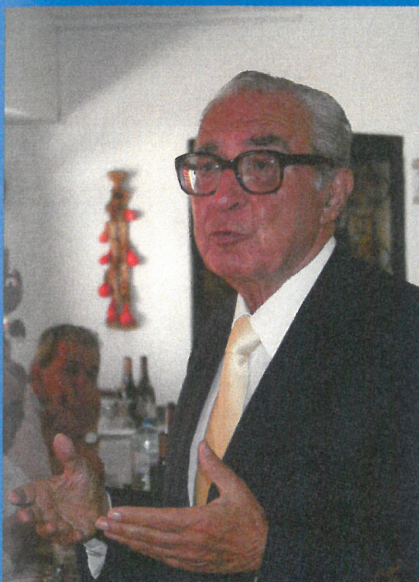
Vitor Ramalho, secretário-geral da UCCLA, salienta que “uma parte dos associados da CEI era constituída por jovens estudantes universitários das então ex-colónias portuguesas que, nos idos de cinquenta, passaram a ter um papel relevante na cultura, na política e na economia dos territórios de que eram originários, tornando-se suas personalidades de referência. E eles beneficiaram nesta instituição de uma formação solidária em contacto com os demais estudantes universitários que, por ausência de estudos superiores nas então ex-colónias [portuguesas], tiveram que os vir continuar em Portugal”.

“Esta homenagem era devida porque há aqui uma singularidade única no mundo de expressão oficial portuguesa que acabou por aglutinar afetividades e solidariedades, excecionais na vida dos povos. Tudo isto faz parte de um passado comum. Infelizmente, nunca foi suficientemente tratado, quer na universidade quer nas escolas”, lamenta Vitor Ramalho, para quem “a circunstância de 2015 coincidir também com os 40 anos das independências dos países africanos lusófonos” reforça ainda mais “a importância da homenagem”.

“E há uma razão acrescida para esta iniciativa. A lei da vida é inexorável e as pessoas que então eram jovens e que frequentaram a Casa dos Estudantes do Império – criada em 1944 e extinta pela PIDE em 1965 – são hoje pessoas que têm mais de 70 e mais de 80 anos e, portanto, queremos aproveitar a circunstância de esses associados estarem de

boa saúde”, salienta o secretário geral. Do conjunto de iniciativas de homenagem, destaque, além da cerimónia de abertura que decorreu em Coimbra, para várias mesas redondas sobre a importância da CEI, a reedição do número especial da “Mensagem”, uma exposição documental nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa e um Colóquio Internacional sobre a CEI, no auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, nos dias 22, 23 e 25 de maio. São também reeditadas as Antologias de poesia de Angola / São Tomé Príncipe e Moçambique, bem como várias obras dos antigos associados da Casa dos Estudantes do Império considerados nomes “incontornáveis” da cultura e da política dos países de língua oficial portuguesa. Publicada foi já a listagem completa, através da documentação na Torre do Tombo, de todos os associados da instituição. ■





*“Conheci muitas e muitas futuras grandes figuras da política ultramarina que, na altura, eram perseguidas. E nós reuníamos para discutir a temática da Casa dos Estudantes do Império. Ali conheci o Amílcar Cabral, o Jorge Santos, mas sobretudo fui lá uma vez com o Agostinho Neto e foi ele quem me apresentou o Amílcar Cabral. Acabei por ir para Moçambique como advogado e escolhi Moçambique para combater o colonialismo”*

**Almeida Santos**

## Casa dos Estudantes do Império

**Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Lúcio Lara, Fernando França Van Dúnem, Joaquim Chissano, Pascoal Mocumbi, Pedro Pires, Onésimo Silveira, Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito Santo, Vasco Cabral, Pepetela, Alda Lara e tantos outros, foram da Casa dos Estudantes do Império**

A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi criada em 1944, pelo regime salazarista, para responder ao reforço do convívio em Portugal dos estudantes universitários das ex-colónias portuguesas que não possuíam instituições de ensino superior. Este objetivo integrou-se num outro, mais vasto, de formação de eleitos que se admitia virem a ser enquadradores dos objetivos que o próprio regime colonial prosseguia.

Entre estes jovens estudantes, que tiveram de fazer a frequência universitária em Portugal e frequentaram a Casa dos Estudantes do Império, incluem-se muitas figuras e personalidades da independência e da cultura, dirigentes e intelectuais dos países lusófonos. Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Lúcio Lara, Fernando França Van Dúnem, Joaquim Chissano, Pascoal Mocumbi, Pedro Pires, Onésimo Silveira, Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito

Santo, Vasco Cabral, Pepetela, Alda Lara e tantos outros, foram da CEI.

“A partir dos anos 1950, com os ventos da descolonização, esses jovens entenderam que tinham também o direito de dirigirem os territórios de que eram originários quando fossem independentes. Aprofundaram, por isso, estudos sobre a identidade desses territórios, tornando-se personalidades da cultura que hoje são incontornáveis”, explica Vitor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA.

Assim, apesar de criada pela ditadura, a Casa dos Estudantes do Império acaba por albergar os jovens nacionalistas e a elite dos movimentos de independência.

Com sede em Lisboa, uma delegação em Coimbra e mais tarde no Porto, a Casa dos Estudantes do Império esteve sempre sujeita a uma apertada vigilância da polícia política, acabando por ser encerrada por ordem de Salazar em 1965. ■